

rando com um grupo de controlo (estudantes). Para tal, foram apresentadas individualmente a cada sujeito 24 combinações de elementos faciais, e foi pedido aos participantes que avaliassem as imagens através de seis escalas correspondentes às dimensões Valência afectiva, Actividade e Potência. No final da experiência foi avaliada a ansiedade (traço e estado) através da escala STAI (state-trait anxiety inventory). Os resultados evidenciam algumas diferenças na avaliação das faces esquemáticas entre o grupo de polícias e o grupo de estudantes. Assim, os polícias, por comparação com os estudantes, consideram menos activas todas as combinações de expressões faciais, e consideram mais fortes (maior potência) as expressões com sobrancelhas correspondentes ao protótipo de uma expressão zangada. Verificou-se também que os polícias apresentam níveis mais baixos de ansiedade-traço que os estudantes, não se verificando no entanto nenhuma interacção entre a ansiedade e a grupo (polícia/estudante).

IMPACTO DO PROCESSAMENTO DE INFORMAÇÃO EMOCIONAL NA MEMÓRIA OPERATÓRIA

Nuno M. Gaspar (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto)

Ainda não está bem definido o impacto das emoções na memória operatória. Esta comunicação relata um estudo que explora o impacto do processamento de informação emocional na memória operatória. Neste estudo, 46 participantes realizaram uma prova de evocação imediata serial retrograda para listas de palavras de diferentes valências emocionais, imediatamente a seguir à construção de uma frase auto-referencial de significado emocional positivo ou negativo. Os resultados mostraram que palavras de valência emocional negativa eram melhor evocadas que palavras de valência emocional positiva. Uma ANOVA para medidas repetidas revelou que este efeito se verifica sobretudo quando a experiência começa com listas de valência emocional positiva. Os resultados são discutidos de acordo com teorias actuais do afecto positivo (Ashby, Isen & Turken, 1999) e com a teoria da partilha de recursos (Ellis & Ashbrook, 1988).

MEMÓRIA DE TRABALHO E INFERÊNCIA SILOGÍSTICA: ESTUDO EXPLORATÓRIO DE NOVAS MEDIDAS

Ana Cristina Quelhas, João Paulo Guerreiro (Instituto Superior de Psicologia Aplicada)

A relação entre Memória de Trabalho (MT) e raciocínio dedutivo, apesar de unanimemente aceite, não tem encontrado suficiente suporte empírico na literatura. São diversas as abordagens usadas na procura desta relação, quer no que toca ao raciocínio dedutivo (e.g. tarefas de raciocínio condicional, espacial ou de inferência silogística), assim como no que se refere à operacionalização do conceito de MT (e.g. Teste de Amplitude de Leitura, Amplitude de Dígitos). O presente estudo visa a procura de relações entre estes dois conceitos. Nesse sentido é utilizada uma tarefa de inferência silogística, que se supõe exigir por parte dos indivíduos diferentes recursos cognitivos, previstos com base na teoria dos modelos mentais (e.g. Jonson-Laird & Byrne, 1991). A MT é por seu lado avaliada segundo o clássico Teste de Amplitude de Leitura (TAL), ao qual se têm recentemente dirigido críticas quanto à sua funcionalidade no âmbito do estudo das relações entre raciocínio e MT. São usadas complementarmente duas medidas recentemente desenvolvidas por García-Madruga e colaboradores (v. García-Madruga et al., 2003) baseadas em problemas anafóricos e analógicos. Estas surgem como alternativas recentes ao TAL colmatando algumas das suas insuficiências e permitindo perspectivar novos aspectos relevantes ao estudo das suas relações com o raciocínio dedutivo.